

REALIDADE SÓCIO-HISTÓRICA, IDENTIDADE CULTURAL E SUBALTERNIDADE: MAPEANDO O INDIVÍDUO PÓS-COLONIAL EM JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO.

Márcia Oliveira¹ (UFPE/CAPES)

RESUMO: Este trabalho visa analisar três romances que criam e apresentam espaços para uma consciência pós-colonial a partir de três realidades geográficas e culturais distintas. Mulheres escritoras que apresentam em seus textos uma conexão com o contexto pós-colonial geralmente abordam questões socioculturais significativas para a reflexão e o entendimento de temáticas como etnicidade, raça, poder, sexo, gênero e classe social. Com objetivo de concretizar o sonho de descolonização Jamaica Kincaid (Estados Unidos), Dionne Brand (Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil) traçam em seus romances *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* (respectivamente) uma jornada de descolonização de corpos, mentes e culturas baseada na percepção que a identidade é fruto de uma negociação constante e que memória, espaço e identidade são responsáveis por interpelar a realidade sociocultural dos indivíduos num processo ininterrupto. As interpelações se desenvolvem a partir das experiências das personagens, frutos das sociedades ‘multiculturais’ que não escondem uma ‘consciência colonial/imperial’ como fator para o estabelecimento das relações sociais, revelando as nuances da colonialidade do poder e a subalternidade.

PALAVRAS-CHAVE: literatura pós-colonial. Jamaica Kincaid. Dionne Brand. Conceição Evaristo.

Introdução

Vivemos um período histórico de muita contradição, mas que tem sido marcado, na literatura, por um interesse maior em incluir textos de escritores vindos de uma realidade periférica e que, por essa razão, apresentam uma escrita cujo foco se encontra em experiências de exclusão e subalternidade. Seguindo o raciocínio que “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (COSSOM, 2006, p. 17), e tendo em vista que “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (idem, p. 18) acreditamos que a literatura oferece um material rico para análise e reflexão que vai além da estética usada pelo(a) escritor(a), sendo possível também apreender a realidade do outro, compreender as conjunções

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: marcia_mmos@hotmail.com.

sociais, históricas e culturais que se formaram e que são responsáveis pelo panorama atual das relações humanas.

Jamaica Kincaid (Antígua-Estados Unidos), Dionne Brand (Trinidad e Tobago-Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil) apresentam em seus textos narrativas que abordam questões cruciais da sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito à desmarginalização das ‘minorias’. Este trabalho surge com o objetivo de analisar três romances que criam espaços para uma consciência pós-colonial a partir de três realidades distintas (Estados Unidos, Canadá e Brasil); percebemos um movimento de reflexão sobre temáticas como etnicidade, raça, poder, sexo, gênero e classe social. Com objetivo de concretizar o sonho de descolonização (SANTOS & MENESES, 2010) Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo traçam em seus romances *Mr. Potter* (2002), *At the Full and Change of the Moon* (1999) e *Becos da Memória* (2013) uma jornada de descolonização de corpos, mentes e culturas baseada na percepção que a identidade é fruto de uma negociação constante (POLLAK, 1992; FIGUEIREDO, 2010) e que memória, espaço e identidade são responsáveis por interpelar a realidade sociocultural dos indivíduos num processo ininterrupto.

Buscamos analisar a perspectiva das personagens-protagonistas-narradoras, mapeando a realidade periférica em que elas vivem. O mapeamento desses textos revela a importância em compreender melhor as configurações culturais que passaram a aparecer mais contundentemente a partir do século XX e que ainda são, muitas vezes, ignoradas; esses textos costumam revelar que é possível desconstruir o discurso de inviabilização do outro. A partir das experiências das personagens, frutos das sociedades ‘multiculturais’ que não escondem uma ‘consciência colonial/imperial’ como fator para o estabelecimento das relações sociais, revelando as nuances da colonialidade do poder (QUIJANO, 1997) e a subalternidade (SPIVAK, 2010) encontramos as interpelações que são bastante próprias de nosso tempo.

Contextualizando a realidade sócio-histórica nos romances *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória*

Mr. Potter narra a história de Roderick Potter – o senhor Potter – e quem narra sua trajetória é Elaine Potter, a filha dele que nunca foi reconhecida como tal. O romance difere de outras narrativas kincaidianas que são geralmente realizadas em primeira pessoa e também pelo fato de que apesar da história ser narrada por uma mulher o protagonista é um homem; no entanto a perspectiva de Elaine apresenta algo que é comum nos textos de Kincaid, o desejo de dar voz aqueles silenciados pela opressão colonial, tendo em vista que a colonização gera efeitos que se perpetuam na vida e nas histórias dos indivíduos.

A história se passa na Antígua, terra natal do senhor Potter e de todas as suas filhas (ele teve 11 filhas com várias mulheres). Elaine, por sua vez, mudou-se com a mãe quando ela se separa do senhor Potter e só volta à sua terra natal quando fica sabendo da morte do pai. Logo no início do romance vemos um personagem que está completamente imerso por sua vida na Antígua, sentindo-se parte do lugar: *“and none of this reminded him of himself in any way and that was only because everything he saw was so closely bound to him; between him and all that he saw there was no distance of any kind.”*² (KINCAID, 2002, p. 5) Apesar de não compartilhar do mesmo sentimento do pai Elaine busca entender a vida dele através de sua trajetória, suas escolhas e seu passado.

Durante a narrativa somos informados de que a mãe de Elaine, Annie, passou a infância da menina cultivando um ódio pelo homem que lhes abandonou, o senhor Potter fazia sucesso com as mulheres, mas não se mostrou capaz de amar nenhuma delas, o mesmo acontece com suas filhas, todas privadas da presença e do amor paterno. Mesmo depois de crescer aprendendo a odiar o pai a narradora mostra uma compreensão acerca da condição do senhor Potter em relação ao amor: *“so unloved he was, but he did not know it so he could not miss love, for it had never been part of his*

² Todas as traduções neste trabalho são de minha responsabilidade: “e nada disso o lembrou de si mesmo de jeito algum e isso foi porque tudo o que ele viu estava tão intimamente ligado a ele; entre ele e tudo o que ele viu não havia qualquer tipo de distância.”

very being”³ (idem, p. 43); aqui vemos com clareza o quanto o passado do personagem interfere diretamente na maneira dele se relacionar com outras pessoas, o senhor Potter carregava uma impossibilidade de amar porque esse sentimento nunca fez parte de sua vida. O pai nunca quis saber dele, a mãe suicidou-se quando ele era pequeno e ele foi criado por uma família que o tratava com desprezo. O senhor Potter nunca aprendeu nada sobre nenhuma forma de amor, sua experiência pessoal foi um aprendizado de como sobreviver nesse ambiente, ele nunca teve a chance de superar a experiência traumática de sua infância, e por essa razão todos seus relacionamentos futuros estavam, desde o início, fadados ao fracasso.

O romance está dividido em 12 pequenos capítulos sem títulos, cada um deles explica a história do senhor Potter através de uma determinada pessoa, ou mesmo a partir de algum evento de sua vida. Quando somos apresentados ao doutor Weizenger e sua esposa May, por exemplo, fica muito claro a ideia que se tem das pessoas da ilha, corroborando a afirmação de Memmi que acredita que para o colonizador “o colonizado é um débil” (1989, p. 79); a narradora explica o desprezo deles por seu pai: “*Such stupidity, thought Dr. Weizenger to himself when he met Mr. Potter, so much ignorance*”⁴ (KINCAID, 2002, p. 10) e ainda: “*How repulsive is this man, thought Dr. Weizenger; how ugly is his face, thought his wife May*”⁵ (idem, p. 17). A partir daí Elaine vai desnudando a essência do pai, um homem simples que nunca aprendeu a ler ou escrever, tinha dificuldades sérias de comunicação, nunca conseguiu se envolver seriamente com ninguém e sempre foi explorado, primeiramente por sua família adotiva, depois por seu chefe e também pelos estrangeiros que chegavam constantemente à Antígua.

Diferentemente de *Mr. Potter*, que apresenta um protagonista com grandes laços com sua terra natal, no romance *At the Full and Change of the Moon*, Brand trabalha a

³ “tão mal amado ele era, mas ele não sabia disso e por isso não podia sentir falta do amor, pois isso nunca tinha sido parte do seu ser”

⁴ “Quanta estupidez, pensou consigo mesmo o doutor Weizenger quando ele conheceu o senhor Potter, tanta ignorância”

⁵ “Quão repulso é este homem, pensou o doutor Weizenger; quão feio é seu rosto, pensou sua esposa May”

partir de uma posição de não pertencimento das personagens. Nessa narrativa temos a história de diversas gerações, no início do romance conhecemos a primeira dessa geração, a escrava Marie Ursule, que num ato de resistência resolve promover um suicídio coletivo, matando todos os escravos da fazenda. Antes disso ela salva a filha Bola, que é levada pelo suposto pai, Kamena, em busca de liberdade. São dez capítulos que narram as histórias de exploração e sofrimento dos descendentes de Marie Ursule, que apesar de não viverem no período da escravidão continuam sofrendo atos de exploração e violência.

A história de todos eles está conectada: *“In another century without knowing her, because centuries are forgetful places, Marie Ursule’s great-great-grandchildren would face the world too. But even that forgetfulness Marie Ursule had accounted for. Forgetfulness is true speech if anyone listens”*⁶ (BRAND, 1999, p. 18), mesmo que eles não conheçam a história de suas origens, uma vez que Bola não cria os filhos, fazendo com que eles sejam espalhados pelo mundo há algo que os aproxima, algo de é mais forte que a distância e o esquecimento. O romance conta a trajetória de diversos personagens: Samuel Sones e sua mãe, Cordélia e o esposo Emmanuel, Carlyle/ Priest e Cornel West (este último é filho de Dovett), e Eula (irmã de Carlyle); alguns deles se encontram, outros vivem em períodos ou lugares diferentes; mas em todos eles existe um sentimento nostálgico, um vazio que não se explica a não ser se pensarmos na ideia de ancestralidade:

*I would like a single line of ancestry, Mama. One line from you to me and farther back, but a line that I can trace (...). I would like one line full of people who have no reason to forget anything, or forgetting would not help them or matter because the line would be constant, unchangeable.*⁷ (idem, p. 274)

⁶ “Em mais um século sem conhecê-la, porque séculos são lugares esquecidos, os tataranetos de Marie Ursule iriam enfrentar o mundo também. Mas até o esquecimento Marie Ursule tinha contabilizado. Esquecimento é o verdadeiro discurso se alguém ouve”

⁷ “Eu gostaria de uma única linha de ancestralidade, Mama. Uma linha de você para mim e mais para trás, mas uma linha que eu pudesse traçar (...). Eu gostaria de uma linha cheia de pessoas que não tem razão nenhuma para esquecer nada, ou esquecer não iria ajudá-los em nada porque a linha seria constante, imutável.”

Essa citação demonstra o desejo de pertencimento da personagem, pertencimento que não se refere a um lugar, mas a um grupo de pessoas. Aqui não há espaço para uma idealização, nesse caso entendemos que a noção de lar é repensada: “*The mystified notions of home and family are removed from their romantic, idealized moorings, to speak of pain, movement, difficult, learning and love in complex ways*”⁸ (DAVIES, 1994, p. 21). As noções de família, lar, passado, etc. que são problematizadas no romance acontecem graças a uma narração que é fragmentada, essa característica de fragmentação se explica pela própria experiência de entre-espaco provocada pela dispersão dos descendentes de Marie Ursule. Para Roland Walter a escrita brandiana relata “lugares e pessoas [que] são deslocados num entre-espaco que se repete tanto no real como no imaginário – um espaco onde o conhecimento de si próprio, de seres conscientes de si, é constantemente adiado mediante uma sequênciade perdas” (2009, p. 202).

As personagens de *At the Full and Change of the Moon* trazem consigo o passado dos que foram massacrados e silenciados pela história oficial. Segundo Bonnici “A expulsão do negro, sua colocação na invisibilidade e a persistência da noção de ‘raça pura’ são resíduos coloniais que ainda aprofundam cada vez mais a outremização do negro devido ao esquema dérmico” (2012, p. 57), o universo de exclusão é constantemente verificado no romance e é justamente por isso que os personagens que continuam ‘presos’, uma das personagens afirma: “*I was reading a book the other day about the nineteenth century and it seemed like reading about now*”⁹ (BRAND, 1999, p. 234); eles já não são mais escravos, no entanto ainda participam desse processo de outremização, porque a história se repete.

No caso de *Becos da Memória* a narrativa, que também acontece de forma fragmentada, conta a trajetória de várias pessoas que vivem numa favela e que vivenciam o sofrimento e a angústia de serem expulsos de suas casas por causa de um projeto urbanístico. A narrativa parte do princípio que todos os moradores da favela

⁸ “As noções mistificadas de casa e da família são retiradas de suas amarrações românticas, idealizadas, para falar-se de dor, de movimento, de dificuldade, aprendizado e amor em formas complexas”

⁹ “Eu estava lendo um livro outro dia sobre o século 19 e pareceu como se eu estivesse lendo sobre agora”

estão intimamente envolvidos com o espaço geográfico em que vivem, muitos deles só conhecem a vida a partir daquele ambiente, Maria-Nova diz que “Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir?” (EVARISTO, 2013, p. 102) Uma por uma as famílias vão sendo despejadas e com isso laços comunitários se perdem.

Conceição Evaristo aborda neste romance o entrelaçamento entre o racismo (que é resultado do processo de escravidão dos povos negros) perpetuado na contemporaneidade com o colonialismo que nunca acabou por completo; segundo Fanon “o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele” (2008, p. 48). Os moradores da favela conhecem bem essa realidade, a maioria trabalha fora, mas sempre em postos de menor expressão, sempre sendo empregados de pessoas brancas e com boa condição econômica. Essas pessoas, aliás, sempre dão dinheiro para as festividades que acontecem na favela como forma de acalmar seus moradores e mantê-los afastados. A análise do romance evidencia a tentativa de Evaristo em criar um paralelo entre a favela e a senzala, o que significa o entendimento de que existe uma perpetuação no modo de vida da população negra no Brasil, quando a narrativa foca em Maria-Nova percebemos que ela carrega um sofrimento que não é só seu:

o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (EVARISTO, 2013, p. 9)

Toda a narrativa é carregada de emotividade e sofrimento. Mesmo assim Maria-Nova tem em si a esperança de que no futuro algo possa mudar (esperança que não é compartilhada pelos moradores mais velhos, como Tio Totó, que de tanta tristeza morre antes da mudança). O romance é finalizado com a desocupação total da população da favela, mas também com o desejo de Maria-Nova em dar voz aquelas pessoas que

confiaram a ela suas histórias de sofrimento e decepção: “agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo” (idem, p. 247).

Desconstruindo a subalternidade, reconstruindo valores

Notamos que os romances analisados propõem narrativas que transformam e recodificam a trajetória de suas personagens e protagonistas a partir de um movimento de resistência à perda identitária, buscando uma desconstrução da subalternidade. Para Spivak o processo de fala é problemático para o subalterno porque “esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato, não pode falar” (2010, p. 15), no entanto Kincaid, Brand e Evaristo buscam em seus textos uma posição discursiva que as permitam inserir personagens cuja história será contada e cuja voz, de alguma forma, será ouvida. Mesmo no caso de *Mr. Potter*, cujo protagonista não fala, temos o movimento da filha de resgatar a memória do pai como forma de preservar sua história desconhecida pela História.

Nesse aspecto é sintomático o fato de que *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* se apoiam num ato de recordação, na força da memória, para permitir o repensar do passado:

A deflagração do passado no presente é uma resistência cultural porque, enquanto agenciamento subalterno, ela constitui uma forma de conscientização que contem a possibilidade de uma futura transformação sociocultural no sentido de fazer compreender aos personagens diversos aspectos de sua história compartilhada, demonstrando como estes continuam a influenciar seu ethos e sua cosmovisão.” (WALTER, 2009, p. 74)

A citação acima explica o desejo em comum de Kincaid, Brand e Evaristo em escrever narrativas que evidenciem a busca pela recuperação de um passado perdido, apagado. A memória surge, portanto, como resistência discursiva. Em *Becos da Memória* a protagonista cresce ouvindo as histórias de seu povo, e as coleciona como selos, demonstrando que essas histórias são de suma importância para a formação de sua identidade. E apesar de tanto sofrimento Maria-Nova acredita possuir “um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros.” (EVARISTO, 2013, p. 246) O passado é um guia para o entendimento da realidade, aproximando Maria-Nova da história de seus antepassados, ela tem a consciência de que é fruto desse passado de opressão e marginalidade.

Kincaid também proporciona através de *Mr. Potter* uma reflexão sobre a importância do passado e da memória para entender o indivíduo e a sociedade pós-colonial. É justamente por essa razão que a narradora Elaine foca no passado do pai para explicar suas dificuldades, todavia a trajetória do senhor Potter pode ser entendida de uma forma mais ampla, ele funciona como uma figura-símbolo do sujeito colonizado: “*Mr. Potter’s lifetime began in the year fourteen hundred and nineteen but he was born on the seventh day of January, nineteen hundred and twenty-two*” (KINCAID, 2002, p. 177), esse trecho evidencia a conexão feita pela escritora sobre a influência do ano de 1492 (data da chegada de Cristóvão Colombo na Antígua) na vida do personagem, e de todos os nativos que tiveram sua história refeita antes mesmo deles nascerem.

No caso de *The Full and Change of the Moon* os diversos personagens que são inseridos na narrativa não conhecem de fato seu passado, estão espalhados pelo mundo sentindo sempre um vazio identitário. Mesmo sem conhecer a origem de seus antepassados os personagens possuem um sofrimento em comum, e o sofrimento tem memória: “*Nothing disappears with finality along this archipelago. Time is a collection of forfeits and damages*”¹⁰ (BRAND, 1999, p. 37), o que acontece nesse cenário é, na verdade, o estabelecimento de uma memória perdida que só pode ser reconhecida justamente por um sofrimento que não passa; Brand demonstra brilhantemente a

¹⁰ “Nada desaparece com determinação neste arquipélago. Tempo é uma coleção de perdas e danos”

necessidade de reescrever o passado apagado, é tempo de, nas palavras de Gilroy, “reconstruir a história primordial da modernidade a partir dos pontos de vista dos escravos” (2001, p. 125-126), o romance ser iniciado com a história da escrava Marie Ursule é uma prova dessa busca brandiana por reconstrução.

A memória aparece nos romances com uma função primordial: unir e contar histórias separadas pelo espaço, pelo tempo, por condições específicas (que têm a ver principalmente pelos países em que cada romance foi escrito). É possível perceber que as experiências vivenciadas pelos personagens e contextos históricos de cada narrativa indicam uma mesma história de escravidão, opressão e apagamento identitário. Em *Mr. Potter*, assim como em *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* há um processo que visa frear o despedaçamento histórico e cultural da existência desses homens e mulheres marcados pela escravidão, isso acontece porque as autoras desses romances abordam o sofrimento incomensurável da escravidão traçando uma linha que exemplifica a continuidade do ciclo de dominação.

Kincaid, Brand e Evaristo ampliam a abordagem do negro enquanto sujeito da narrativa através do resgate de seu passado. “A emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade” (MIGNOLO, 2003, p. 178), ou seja, é preciso não só entender a condição de subalternidade, mas buscar desconstruí-la, e isso só é possível a partir de uma reconstrução de valores.

Considerações finais

Os três romances analisados foram publicados com pouco tempo de diferença¹¹, em um período de grande efervescência em especial sobre a temática da identidade. Ao

¹¹ Apesar de *Becos da Memória* ter sido escrito na década de 1980 ele foi publicado primeiramente em 2006.

mesmo tempo em que abordam a problemática de identificação do indivíduo pós-colonial não podemos deixar de lado as peculiaridades vindas das realidades geográficas de cada escritora. Analisar os romances *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* juntos é um desafio, uma vez que cada romance traz inúmeras possibilidades de análise, ao mesmo tempo esse estudo revelou que questões significativas no que diz respeito ao lugar do sujeito negro na sociedade e a importância da memória como discurso de resistência ao apagamento da história desses indivíduos.

Gilroy afirma que “os padrões de repressão interna, culpa, miséria e desespero estabelecidos sob a disciplina social da escravidão perduram mesmo que a ordem política e econômica que os criou tenha sido parcialmente transformada.” (2001, p. 303) Kincaid, Brand e Evaristo revelam em seus textos o desejo de dar voz àqueles silenciados pela colonização e a escravidão e fazem isso através de narrativas que priorizam a voz negra nas Américas. Os romances analisados compõem, portanto, uma tentativa valiosa e bem sucedida de questionar as configurações culturais da contemporaneidade através da narração de histórias de sujeitos diferentes vivendo em situações comuns, enfrentando os mesmos desafios de criar um lugar para si, um espaço em que o passado, a ancestralidade e a memória sejam alicerces para uma identidade que, apesar de fragmentada, seja real e livre.

Referências bibliográficas

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BRAND, Dionne. *At the Full and Change of the Moon*. New York: Grove Press, 1999.

COSSOM, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: migrations of the subject*. London: Routledge, 1994.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Belo Horizonte: Ed. Mulheres, 2013.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2010.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

KINCAID, Jamaica. *Mr. Potter*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2002.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: APDOC, 1992.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina*. Anuario Mariateguiano, v. 9, n. 9, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Rio de Janeiro: 2010.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALTER, Roland. **Afro-América: Diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Org. Liv Sovik. Recife: Bagaço, 2009.